
PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO EM ANÁPOLIS, GO

CARRASCO, Cleber Giuglioli¹

Recebido em: 2011-01-14

Aprovado em: 2011-04-27

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.541

RESUMO: A automedicação tem sido um tema de grande preocupação para a saúde pública brasileira, dessa forma, este estudo teve como objetivo avaliar a prevalência e os fatores associados à automedicação no município de Anápolis-GO, em particular, estimar o percentual de indivíduos que se automedicam e os principais tipos de medicamentos que levam a essa automedicação. A amostra foi formada por 1035 moradores da cidade de Anápolis com mais de 16 anos de idade, que responderam a um questionário estruturado. Cerca de 87% dos entrevistados declararam que se automedicaram e, entre os principais tipos de medicamentos que levam a essa automedicação estão os analgésicos, antitérmicos e antibióticos que, juntos representam mais de 75% dos medicamentos consumidos sem orientação médica. A maioria adquire medicamentos pela indicação de familiares e/ou amigos. Houve associação significativa entre as variáveis faixa etária, grau de instrução e renda familiar, no entanto, não houve significância estatística para a variável sexo. Vale ressaltar ainda, que a automedicação deve ser evitada, pois pode ocasionar vários problemas de reações adversas a medicamentos e, que o farmacêutico tem uma importância fundamental na orientação da população quanto ao uso correto dos medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Coleta de Dados. Prevalência. Uso de Medicamentos.

SUMMARY: The self-medication has been a topic of great concern to the Brazilian public health, thus, this study aimed to evaluate the prevalence and factors associated with self-medication in the city of Anapolis-GO, in particular, to estimate the percentage of individuals who self-medication and the main types of drugs that lead to this self-medication. The sample consisted of 1035 residents of the city of Anapolis over 16 years of age, who answered a structured questionnaire. It is estimated that about 87% of residents of this city apply self-medication and that among the main types of drugs that lead to this self-medication are the analgesics, antipyretics and antibiotics, which together represent over 75% of medicines consumed without medical supervision. Most drugs get an indication of family and/or friends. There is a significant association between some variables such as age, education level and family income, however, no statistical significance for the sex variable. It is also noteworthy that self-medication should be avoided because it can cause several problems of adverse drug reactions, and that the pharmacist has a fundamental importance in guiding the population about the correct use of medicines.

Keywords: Self Medication. Data Collection. Prevalence. Drug Utilization.

INTRODUÇÃO

A automedicação é caracterizada pelo uso de medicamentos sem a orientação e/ou prescrição médica (SILVA; FREITAS, 2008; SOUSA; SILVA; NETO, 2008). Em particular, a automedicação se dá quando um indivíduo toma medicamentos por conta própria, através da indicação de familiares e/ou amigos, balconistas de farmácia ou por influência de propagandas. Ainda que os medicamentos sejam vistos pela população, de modo geral, como

¹ Mestre em Estatística. Prof. Universidade Estadual de Goiás. Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas - UnUCET

algo que possa diminuir o sofrimento dos indivíduos ou até mesmo curá-los de certa enfermidade, a automedicação pode causar efeitos indesejáveis como reações adversas a medicamentos (RAM) e até mesmo intoxicações medicamentosas podendo, em alguns casos, ocasionar a morte do indivíduo (FARIAS et al., 2007). Assim, é necessário e importante que o uso de medicamentos pela população seja acompanhado pelo profissional habilitado (ANDRADE et al., 2009).

Nesse contexto, a pesquisa sobre prática local do uso de medicamentos torna-se de suma importância, sendo necessários estudos sobre o uso de medicamentos pela população. Dessa forma, este trabalho tem por finalidade avaliar a prevalência dos indivíduos que se automedicam e os principais medicamentos que são utilizados na automedicação pela população de Anápolis, verificando se há associação das variáveis sociodemográficas, indicadores de serviços e costumes e indicadores da condição de saúde com relação à automedicação.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em Anápolis, município com pouco mais de 335 mil habitantes (IBGE, 2009), localizado no centro do estado de Goiás, a 50 km da sua capital Goiânia-GO e a 150 km da capital nacional Brasília-DF, conforme apresenta a Figura 1. A população alvo foram os moradores da cidade de Anápolis com mais de 16 anos de idade. Foram realizadas 1035 entrevistas no período de 16 a 20 de abril de 2005.



Figura 1 – Localização da Cidade de Anápolis–GO

A Pesquisa foi quantitativa por aplicação de questionário estruturado. A coleta dos dados foi realizada pelos acadêmicos do curso de Farmácia da UEG (Turma 2005/I), que foram treinados para este tipo de abordagem. Na abordagem dos entrevistados, não houve identificação nem risco moral para os mesmos, por se tratar apenas de levantamento de dados.

Todos os questionários foram examinados e filtrados. A tabulação e as análises dos dados foram feitas utilizando as ferramentas estatísticas do *software* Excel[®], versão 2003. Os testes qui-quadrados foram realizados no *software* SPSS[®] 10.0.

Para verificar se há ou não associação entre a variável uso do medicamento (com ou sem orientação médica) e as variáveis explicativas sociodemográficas, indicadores de serviços e costumes e indicadores da condição de saúde utilizou-se o teste qui-quadrado de Pearson (Oliveira, 2007). As variáveis sociodemográficas utilizadas foram: sexo, faixa etária, grau de instrução e renda familiar. Os indicadores de serviços e costumes foram os seguintes: plano de saúde (Você possui plano de saúde?), procura em caso de doença (Em caso de doença você procura?), atendimento por farmacêuticos (Você é atendido por farmacêuticos em farmácias?), compra de medicamentos sem receita (Você tem facilidade para adquirir medicamentos com tarja, sem receita médica?), confiança nos medicamentos genéricos (Você confia nos medicamentos genéricos?) e costume em ler bulas (Você tem o costume de ler as bulas dos medicamentos?). E, os indicadores da condição de saúde foram: prática de atividade física (Você pratica atividade física?), problemas cardíacos (Você tem algum tipo de problema cardíaco?) e hipertensão (Você é hipertenso?).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da amostra de 1035 entrevistados neste estudo, 474 (45,80%) são do sexo masculino e 561 (54,20%) do sexo feminino. A distribuição da faixa etária e do grau de instrução dos entrevistados é apresentada nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

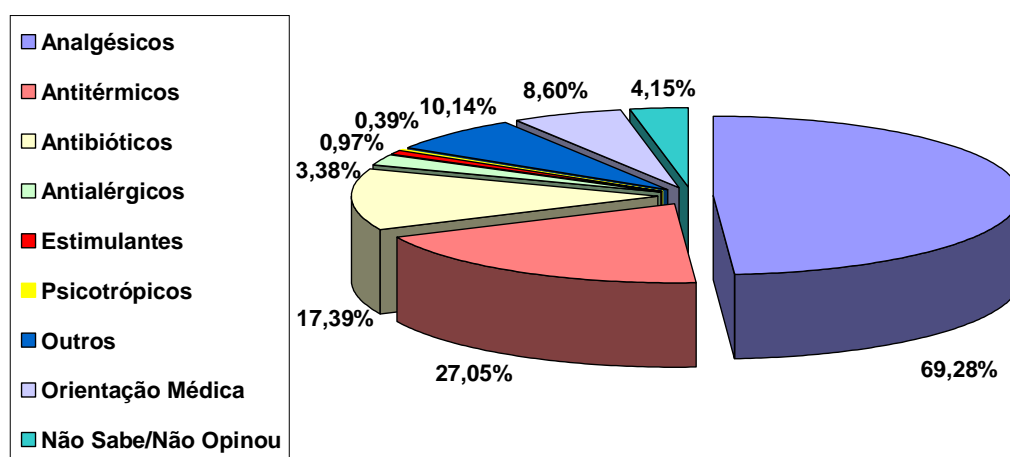
Tabela 1: Distribuição da faixa etária dos entrevistados

Faixa Etária	Freqüência	Porcentagem
De 16 a 24 anos	239	23,09%
De 25 a 34 anos	254	24,54%
De 35 a 44 anos	230	22,22%
De 45 a 59 anos	190	18,36%
60 anos ou mais	122	11,79%
Total	1035	100,00%

Tabela 2: Distribuição do grau de instrução dos entrevistados

Grau de Instrução	Frequência	Porcentagem
Analfabeto	33	3,19%
Fundamental Incompleto	254	25,54%
Fundamental Completo	120	11,59%
Médio Incompleto	154	14,88%
Médio Completo	303	29,28%
Superior Incompleto	95	9,18%
Superior Completo	76	7,34%
Total	1035	100,00%

Ao perguntar ao entrevistado quais dos medicamentos ele utiliza ou utilizou sem orientação médica, um percentual de apenas 8,60% afirmaram não ter utilizado e/ou utilizar medicamentos sem a orientação médica (Figura 2). Dessa forma, considerando que 4,15% não responderam ou não opinaram, temos uma estimativa para o percentual de pessoas que fazem ou fizeram uso de medicamentos sem a orientação de um médico (automedicação) de 87,25%, um percentual maior do que o encontrado por Vilarino *et al.* (1998) em seu estudo, onde a prevalência dos indivíduos que se medicaram foi de 76,10% no município de Santa Maria-RS e por Haak (1989) no município de Itanhandu-BA em 1986 onde o percentual foi de cerca de 74%. Em alguns estudos na área urbana são encontrados índices de prevalência de automedicação entre 42,1% (SIMÕES; FARACHE, 1988) até 96,60% (TATSCH *et al.*, 1987).

**Figura 2:** Medicamentos utilizados sem orientação médica

Dos entrevistados, 34,20% afirmaram ter tomado ou tomar medicamento com a indicação de farmacêuticos mostrando, dessa maneira, a importância desse profissional que

tem função fundamental como orientador da população ao prestar serviços de assistência farmacêutica visto que, o farmacêutico conhece os aspectos do medicamento e, portanto, pode auxiliar as pessoas que o procuram sobre como utilizar corretamente o medicamento, evitando, dessa forma, danos à saúde e garantindo a eficiência do tratamento (SOUSA; SILVA; NETO, 2008). A indicação de familiares e/ou amigos é responsável por 44,15%, ou seja, existe um mau hábito da população em se “consultar” com familiares e amigos, vindo a consumir medicamentos por indicação dos mesmos. A indicação por balconistas é de 10,14%, porcentagem esta semelhante ao encontrado por Vilarino *et al.* (1998) que foi de 13,50% no município do sul da Bahia e, a influência direta de propagandas (meios de comunicação) é responsável por 7,44%, as outras indicações somam 2,80% e não sabem ou não opinaram 2,51%.

Ressalta-se que dentre os tipos de medicamentos consumidos pelos entrevistados sem orientação médica, os grandes “vilões” são os analgésicos, antitérmicos e antibióticos, respectivamente, e que juntos representam mais de 75% dos medicamentos consumidos sem orientação médica pelos entrevistados. Muitos desses medicamentos são vendidos em farmácias, drogarias e até mesmo em supermercados e podem ser adquiridos sem prescrição médica (EDITORIAL, 2001), acarretando a automedicação. Também observou que a automedicação ocorreu com o uso de mais de um tipo de medicamento em 44% dos entrevistados, o que pode ocasionar interações medicamentosas, alterando o efeito de alguns fármacos.

Dos entrevistados que se automedicam apenas 36,49% são atendidos sempre ou quase sempre por farmacêuticos, às vezes 20,07% e 35,39% disseram que raramente ou nunca são atendidos por esses profissionais em farmácias, 8,05% não souberam responder. Esses dados são preocupantes, visto que o atendimento dado pelos farmacêuticos pode ajudar a população no uso correto do medicamento, diminuindo o uso e os riscos da automedicação. Vale destacar também, que o farmacêutico conhece os aspectos dos medicamentos e, por isso, é de grande importância que a população seja atendida por esse profissional em farmácias, pois ele pode orientar os indivíduos que o procuram na seleção e uso de medicamentos.

Outro fator agravante é o uso de medicamentos com tarja sem a prescrição médica que, segundo a OMS apud CASTRO *et al.* (2006) é extremamente perigoso e inaceitável e que representa um percentual de cerca de 19,32% dos entrevistados que adquirem medicamentos com tarja sempre ou quase sempre sem receita médica, 17,49% às vezes ou raramente conseguem comprar esses medicamentos sem receita, 52,56% nunca compraram medicamentos com tarja sem receita média e 10,63% não sabem ou não responderam. Ou seja, medicamentos que deveriam ser utilizados somente com prescrição médica são

comercializados por farmácias de forma indiscriminada e isto pode estar relacionado ao fato de que no Brasil, a farmácia não é reconhecida como unidade de saúde e, sim como ponto comercial de vendas de medicamentos e produtos correlatos (SOUSA; SILVA; NETO, 2008).

Nas análises de dados a seguir, foram excluídos do estudo os 43 (4,15%) entrevistados que não souberam ou não opinaram sobre quais dos medicamentos ele utiliza e/ou utilizou sem orientação médica. Assim construímos dois grupos mutuamente exclusivos para o uso do medicamento: o primeiro são os (89) indivíduos que responderam que não tomam medicamentos sem a orientação médica e o segundo, por aqueles (903) que utilizam e/ou utilizaram medicamentos sem orientação médica.

Na Tabela 3 apresenta-se a relação do uso de medicamentos (com ou sem orientação médica) com as variáveis sociodemográficas. Observa-se que houve associação significativa entre faixa etária e o uso do medicamento ($p=0,000$), esta menos elevada entre os indivíduos com maior idade. Com relação ao grau de instrução houve associação significativa ($p=0,000$), neste estudo menor entre os analfabetos, mostrando que os indivíduos com maior conhecimento tornam-se mais confiante para se automedicarem (VILARINO et al., 1998; LOYOLA FILHO et al., 2002). A renda familiar também associou-se significativamente ao uso do medicamento ($p=0,015$) mostrando, neste caso, que os indivíduos que tem renda familiar de até 2 salário mínimos, obtiveram menor prevalência a automedicação. Entretanto, não houve associação significativa em relação ao sexo do indivíduo ($p=0,924$), o mesmo foi encontrado por Sousa, Silva e Neto (2008) e Vilarino et al. (1998), já Loyola Filho et al. (2002), encontraram diferença significativa em seu estudo. Em alguns trabalhos há divergência com relação à associação entre as variáveis sociodemográficas e a automedicação, essas divergências podem estar relacionadas com o método empregado nestes trabalhos.

Tabela 3: Relação entre o uso de medicamentos e as variáveis sociodemográficas (**Continua**)

Variáveis Sociodemográficas	Uso com orientação médica (n=89)	Uso sem orientação médica (n=903)	Valor p*
Sexo			
Masculino	43,82%	44,96%	0,924
Feminino	56,18%	55,04%	
Faixa Etária			
De 16 a 24 anos	8,99%	24,70%	0,000
De 25 a 34 anos	17,98%	25,25%	
De 35 a 44 anos	19,10%	22,92%	
De 45 a 59 anos	23,60%	17,61%	
60 ou mais anos	30,34%	9,52%	
Grau de Instrução			
Analfabeto	10,11%	2,44%	0,000

Tabela 3: Relação entre o uso de medicamentos e as variáveis sociodemográficas (**Conclusão**)

Fundamental Incompleto	37,08%	22,48%	
Fundamental Completo	13,48%	11,41%	
Médio Incompleto	5,62%	15,95%	
Médio Completo	16,85%	30,90%	
Superior Incompleto	5,62%	9,75%	
Superior Completo	11,24%	7,09%	
Renda Familiar			
Até 2 salários	49,44%	30,68%	
De 2 a 5 salários	25,84%	38,65%	
De 5 a 10 salários	11,24%	16,06%	0,015
De 10 a 20 salários	5,62%	7,64%	
Acima de 20 salários	1,12%	1,22%	
Não Sabe/Não Opinou	6,74%	5,76%	

*Valor p do teste qui-quadrado de Pearson

Ao relacionar o uso de medicamentos com os indicadores de serviços e costumes, observou significância estatística para a procura em caso de doença ($p=0,000$), que pode ser explicado pelo fato de que os entrevistados que fizeram uso da automedicação, em caso de doença, procurarem menos a orientação médica do que aqueles que não se automedicaram. Também houve significância para confiança nos medicamentos genéricos ($p=0,013$), onde o percentual de indivíduos que confia nos medicamentos genéricos foi maior no grupo que se automedicaram. Entretanto, não houve significância estatística entre o uso de medicamentos e o atendimento por farmacêuticos ($p=0,292$), compra de medicamentos sem receita ($p=0,505$) e costume em ler bulas ($p=0,093$), conforme apresenta a Tabela 4.

Sousa, Silva e Neto (2008) afirmam que a prática da automedicação torna-se mais comum onde o acesso à assistência médica pública é precário e onde existe uma grande parte da população na faixa da pobreza, ou seja, que não tem condições financeiras de pagar um plano de saúde. No entanto, neste trabalho não houve diferença significativa ($p=0,843$) entre o uso de medicamentos e o fato do indivíduo possuir ou não um plano de saúde (Tabela 4), embora pudesse ser esperado que os indivíduos que não possuem planos de saúde estivessem mais propensos à automedicação. Porém, Haak (1989) observa que mesmo indivíduos de baixa renda, podem comprometer parcelas de seus rendimentos com medicação, ou seja, o fato do indivíduo possuir condições mais favoráveis não é um fator ocasionador da automedicação.

Tabela 4: Relação entre o uso de medicamentos e os indicadores de serviços e costumes

Indicadores de Serviços e Costumes	Uso com orientação médica (n=89)	Uso sem orientação médica (n=903)	Valor p*
Possui Plano de Saúde			
Sim	31,46%	30,01%	0,843
Não	67,42%	69,32%	
Não Sabe/Não Opinou	1,12%	0,66%	
Procura em Caso de Doença			
PSF/Posto	7,87%	18,49%	0,000
Farmácia	2,25%	13,73%	
Hospital	86,52%	63,23%	
Outros	3,37%	4,54%	
Atendimento por Farmacêuticos			
Sempre	35,96%	27,24%	0,292
Quase Sempre	13,48%	9,41%	
Às vezes	17,98%	20,16%	
Raramente	13,48%	19,49%	
Nunca	13,48%	15,73%	
Não Sabe/Não Opinou	5,62%	7,97%	
Compra de Medicamentos sem Receita			
Sempre	10,11%	12,85%	0,505
Quase Sempre	4,49%	6,98%	
Às vezes	7,87%	8,64%	
Raramente	5,62%	9,75%	
Nunca	61,80%	51,72%	
Não Sabe/Não Opinou	10,11%	10,08%	
Confiança nos Medicamentos Genéricos			
Sim	67,42%	79,40%	0,013
Não	32,58%	20,60%	
Costume em Ler Bulas			
Sempre	65,17%	50,94%	0,093
Quase Sempre	6,74%	9,19%	
Às vezes	6,74%	13,84%	
Raramente	4,49%	7,64%	
Nunca	16,85%	18,38%	

*Valor p do teste qui-quadrado de Pearson

Os resultados da Tabela 5 mostram que não houve associação significativa entre o uso de medicamentos e os indicadores da condição de saúde: prática de atividade física, problemas cardíacos e hipertensão. Em outro trabalho, Loyola Filho *et al.* (2002) encontrou diferença significativa para esses indicadores. Essas diferenças podem estar relacionadas com a metodologia utilizada nestes estudos.

Tabela 5: Relação entre o uso de medicamentos e os indicadores de condição de saúde

Indicadores da Condição de Saúde	Uso com orientação médica (n=89)	Uso sem orientação médica (n=903)	Valor p*
Prática de Atividade Física			
Diariamente	21,35%	14,73%	0,134
De 4 a 6 vezes por semana	6,74%	7,97%	
De 1 a 3 vezes por semana	15,73%	19,27%	
Raramente	4,49%	11,41%	
Não Prática	51,69%	46,62%	
Problemas Cardíacos			
Sim	15,73%	8,86%	0,092
Não	80,90%	86,05%	
Não Sabe/Não Opinou	3,37%	5,09%	
Hipertensão			
Sim	25,84%	18,38%	0,210
Não	71,91%	78,18%	
Não Sabe/Não Opinou	2,25%	3,43%	

*Valor p do teste qui-quadrado de Pearson

Dessa forma, tornam-se necessárias ações contínuas para a conscientização da população de que os medicamentos não sendo utilizados de forma correta podem ocasionar graves reações adversas e, neste ponto, o papel do farmacêutico é muito importante, pois é ele o responsável por prestar assistência farmacêutica à população. Assim, compete ao farmacêutico a orientação à população sobre o uso correto dos medicamentos, pois esse profissional possui conhecimento científico suficiente para transmitir aos indivíduos toda a informação sobre o fármaco e a forma farmacêutica, garantindo o uso apropriado dos medicamentos (SILVA; FREITAS; MENDES, 2000).

CONCLUSÃO

Este trabalho mostra que a automedicação é uma prática comum entre a população acima de 16 anos do município de Anápolis-GO e, que a maioria dos entrevistados, afirma tomar ou ter tomado medicamentos por indicação de familiares/amigos (44,15%). A indicação de farmacêuticos é de 34,20% mostrando a importância desse profissional para os indivíduos que se automedicam, por isso sua intervenção é fundamental para o melhor uso de medicamentos. Porém, quando perguntado aos entrevistados se eles fazem ou fizeram uso de medicamentos sem a orientação (prescrição) médica, apenas 8,60% afirmaram fazer uso de medicamentos somente com a orientação médica e 4,15% não sabem ou não opinaram, dessa forma temos uma estimativa de 87,25% de pessoas que se automedicam no município de Anápolis. Vale ressaltar que, dentre os medicamentos consumidos pelos entrevistados sem

orientação médica, os principais são: analgésicos, antitérmicos e antibióticos que somam cerca de 75% dos medicamentos consumidos e, que são facilmente adquiridos pelos usuários.

No presente trabalho houve associação significativa entre o uso de medicamentos com ou sem orientação médica em relação à faixa etária, grau de instrução, renda familiar, procura em caso de doença e confiança nos medicamentos genéricos; contudo, não houve significância estatística para as variáveis sexo, plano de saúde, atendimento por farmacêuticos em farmácias, compra de medicamentos tarjados sem receita médica, costume de ler as bulas dos medicamentos, prática de atividade física, problemas cardíacos e hipertensão.

Dessa forma, este trabalho alerta para as necessidades de ações preventivas para conscientizar a população sobre os efeitos indesejáveis que a automedicação pode acarretar, diminuindo os riscos de reações adversas a medicamentos (RAM) e também de possíveis óbitos devido à intoxicação medicamentosa. Enfatizando que, o farmacêutico pode desempenhar papel fundamental neste processo, pois é o profissional que pode conscientizar a população ao uso correto dos medicamentos.

AGRADECIMENTOS

Aos acadêmicos da disciplina Bioestatística (Turma 2005/I) pela coleta dos dados, a Thiago Vicente Roriz Fazzi Arraes, Fernando Jayme Pureza e Daniel Martins do Nascimento, acadêmicos do curso de Farmácia pela supervisão *in loco* dos entrevistadores e pela digitação dos dados. A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Secretaria Geral e Colegiado de Farmácia da Universidade Estadual de Goiás pela colaboração e incentivo na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE M.I.R. et al. Perfil das Informações sobre Medicamentos solicitadas a um Serviço de Atendimento Farmacêutico Brasileiro. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v.6, p. 62-86, 2009.

CASTRO H.C. et al. Automedicação: Entendemos o risco? **Infarma**. V. 18, p. 17-20, 2006.

EDITORIAL – Automedicação. **Rev. Ass. Med. Bras**. v. 47, p. 269-270, 2001.

FARIAS P.A.M. et al. Informações em saúde mais solicitadas em um centro de informações de medicamentos (SAC Farma, Brasil). **Lat. Am. J. Pharm**. V.26, p. 288-293, 2007.

HAACK, H. Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia (Brasil). **Revista Saúde Pública**. v. 23, p. 143-151, 1989.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (BR). Estimativa de População. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2009**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP_2009_TCU.pdf. Acessado em 17/08/2010.

LOYOLA FILHO A.I, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista Saúde Pública**. v. 36, p.55-62, 2002.

OLIVEIRA F.E.M. **SPSS Básico para Análise de Dados**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna; 2007.

SILVA M.V.S, FREITAS O., MENDES IJ.M. O medicamento, a automedicação e o papel do farmacêutico. **Unopar Cient., Ciênc. Biol. Saúde**, Londrina. v. 2, p. 183-189, 2000.

SILVA R, FREITAS R. Investigação sobre o uso Racional de Medicamentos no Município de Quixadá. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 5, p. 28-32, 2008.

SIMÕES M.J.S, FARACHE A.F. Consumo de medicamentos em região do Estado de São Paulo (Brasil). **Revista Saúde Pública**. v. 22 p. 494-499, 1998.

SOUSA H, SILVA J, NETO M. A Importância do Profissional Farmacêutico no Combate à Automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 5, p. 67-72, 2008.

TATSCH I.C, et al.. Automedicação: avaliação entre zona periférica e central em Santa Maria. **Saúde**. v. 13, p49-54, 1987.

VILARINO J.F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista Saúde Pública** v. 32, p. 43-49, 1998.

